

Francisco Xavier Plácido Soares de Melo



05Out1920 > 25Out1955



«É nos momentos difíceis que se prova o valor de um combatente.»

«Honrar o nome notável dos mortos é dever de todo o cidadão.»

«Os mortos falam. Neste momento o seu espírito paira, grave, sobre as nossas cabeças.»

Nuvens cerradas a forrar o céu de preto, como se os próprios elementos quisessem participar na homenagem que o brioso concelho de Bardês promoveu anteontem em comemoração do primeiro aniversário da morte, gloriosamente trágica do Cabo Francisco Xavier Soares de Melo. Não era, de certo, um preto de luto nem eram lágrimas a chuva que caiu copiosamente antes do início das cerimónias, porque o luto e as lágrimas não têm lugar numa homenagem a um Herói que tombou no seu Posto de Honra e do Dever para a maior glória da Bandeira que jurou defender. Não. A nublação densa apenas imprimiu um cunho de maior solenidade ao tributo que os camaradas e os compatriotas de Chico Melo prestavam à sua abençoada memória.

E foi assim que o povo compreendeu a cerração do firmamento. Pois, a despeito da chuva, ele lá estava, com guarda-chuvas ou sem eles, abrigando-se nas varandas do Quartel da Polícia ou debaixo de árvores, muito vindos de freguesias distantes como Colvale, Calangute, Anjuna e Siolim, todos unidos pelo desejo de homenagear um digno Soldado da Pátria, seu irmão de sangue, que soube honrar a sua farda, mostrando-se um goês de lei, filho duma Índia Portuguesa.

E iam desfilando as contas do Rosário, pausadamente.

Felizmente, momentos antes da cerimónia o aguaceiro cessou como por encanto, permitindo que as cerimónias decorressem sem o menor óbice.

Às 16.30 horas chegava S. Ex.^a o Governador Geral, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa, casa militar e civil, sendo recebido pelo sr. Comandante Geral da Polícia, cap. Pinto Brás, e pelo sr. Comandante do Comissariado do Norte, cap. Alves Ribeiro. Depois de passar revista à Guarda de Honra e receber continência prestada por uma Companhia da Polícia em parada, S. Ex.^a o Governador Geral dirigiu-se ao obelisco erigido no recinto interior do Quartel, onde teve lugar uma singela cerimónia que foi por todos acompanhada num ambiente de profunda emoção.

O sr. Comandante-Geral da Polícia, cap. Pinto Brás, proferiu a seguinte alocução:

Senhor Governador Geral do Estado da Índia, Excelência
Senhor Patriarca das Índias Orientais, Excelência Reverendíssima
Senhor Brigadeiro Comandante Militar do Estado da Índia, Excelência
Ex.^{mas} autoridades civis e militares
Minhas Senhoras e meus Senhores,

Duas palavras apenas, para me desempenhar da muito honrosa missão, de agradecer a todos V. Ex.^{as} a subida honra que nos concederam, ao comparecer à singela mas sentida homenagem à memória do cabo Francisco Soares de Melo, cujo feito os seus camaradas do Comissariado do Norte quiseram perpetuar.

E sejam para as gentilíssimas Senhoras (que, com a sua presença, deram a esta cerimónia um cunho especial de distinção), as minhas primeiras palavras de respeitoso agradecimento, em meu nome pessoal e no de toda a Corporação da Polícia do Estado da Índia.

Da mesma forma e pelo mesmo motivo, desejo agradecer a Sua Ex.^a o Governador Geral, que desde os tempos em que, em terras de África e ainda alferes, conquistou a sua honrosa Torre e Espada, nos vem oferecendo o mais nobre exemplo de militar e o mais belo padrão de Português.

Quer nos momentos de júbilo, quer nos difíceis, sempre nos tem amparado e orientado com superior visão dos factos, de modo a cumprimos, o melhor possível, a nossa espinhosa e árdua missão.

Gratos estamos ainda a Sua Ex.^a Reverendíssima o Patriarca das Índias, cujas bênçãos, transmitidas do Céu, nos têm dado força e fé para vencer esta cruzada de justiça e tornar-nos dignos continuadores dos que por ela já deram a vida.

A Sua Ex.^a o Brigadeiro Comandante Militar, figura prestigiosa de soldado, e lídimo representante do nosso glorioso Exército, que ao serviço da Nação tem continuado as tradições dum ideal sublime – o de manter intacta a herança dos nossos maiores.

Sem o apoio e auxílio das Forças do seu brilhante comando, muitas das nossas missões seriam impossíveis de cumprir.

Ao Ex.^{mo} Comandante das Forças Navais, digno representante da gloriosa Marinha de Guerra Portuguesa, cujos capitães nos ofereceram, através dos séculos, as páginas mais brilhantes da nossa epopeia marítima, espalhando baluartes como aquele que aqui defenderemos até à última gota de sangue.

A todos, a gratidão da Polícia do Estado da Índia pela honra que proporcionaram aos que, servindo nela, não podem deixar de sensibilizar-se ao verificar quanto foi sentida a acção heróica dum seu camarada.

Há precisamente um ano o saudoso cabo Soares de Melo, perante o traiçoeiro assalto ao Posto de Betim, do qual horas antes havia assumido a chefia, e lutando até ao limite máximo das suas forças, ofereceu aos seus camaradas, com o sacrifício da própria vida, um nobre exemplo de heroicidade e lealdade para com a Pátria.

Escreveu assim, para a sua Corporação e com o seu próprio sangue, mais uma dessas páginas brilhantes, digna de figurar junto das que escreveram em Dadrá, para a História contemporânea de Portugal, Aniceto do Rosário e António Joaquim Fernandes.

A seu lado podemos honrosamente colocar o vulto de Soares de Melo, de cuja biografia vos falará o capitão Alves Ribeiro, um dos meus mais directos colaboradores e Comandante do Comissariado do Norte.

E suponho ser agora o momento oportuno para transmitir a Vossas Ex.^{as} uma notícia comunicada esta manhã por Sua Ex.^a o Governador Geral, e que encherá de júbilo todos aqueles que hoje se inclinam perante a memória de Francisco Soares de Melo:

O Governo da Nação, num gesto que diz bem da admiração que lhe merecem os que se sacrificam heroicamente ao serviço da Pátria, resolveu promover ao posto imediato o cabo Soares de Melo.

Não será demais exaltar esta atitude daqueles que superiormente orientam os destinos do País, pois que ela vem demonstrar, mais uma vez, que o culto pelos valores Espirituais e Morais, é ainda, em Portugal, uma consoladora realidade e a razão fundamental por que nos impomos à consideração e respeito de todos os Povos civilizados.

Peço a V. Ex.^a Senhor Governador Geral, que seja intérprete, junto do Governo da Nação, do profundo reconhecimento de todos nós por mais esta distinção que acaba de ser concedida ao cabo Soares de Melo e à Polícia do Estado da Índia.

A terminar, ousou pedir ainda a V. Ex.^a que, depois de ouvirmos a exortação do capitão Alves Ribeiro, nos dê a honra de entregar a Mauro Nepomuceno Soares de Melo, a Medalha de Valor Militar e os distintivos de Subchefe com que foi distinguido, a título póstumo, o acto de bravura de seu pai.

Peço a Deus que apesar dos seus escassos 9 anos de idade, o seu espírito seja iluminado e se venha a tornar um soldado ao serviço da Índia Portuguesa, que mereça tão valiosos galardões como aqueles que acaba de receber e que os que servem na Polícia do Estado da Índia anseiam ter oportunidade de merecer também, mesmo a título póstumo, defendendo este torrão sagrado da Terra Portuguesa.

Disse.

Seguiu no uso da palavra o sr. Comandante do Comissariado do Norte, cap. Alves Ribeiro, cujo discurso damos na íntegra:

Senhor Governador Geral, Excelência

Senhor Patriarca das Índias Orientais, Excelência Reverendíssima

Senhor Comandante Militar, Excelência

Comandante das Forças Navais

Minhas Senhoras e meus senhores,

Aos do nosso Ex.^{mo} Comandante juntamos os nossos agradecimentos a V. Ex.^a, Senhor Governador Geral, pela honra que nos quis conceder dignando-se presidir a estas comemorações, dando-nos assim, mais uma vez, a certeza já tantas vezes confirmada, de que V. Ex.^a está sempre ao nosso lado, tanto nas horas boas como nos momentos amargos.

A V. Ex.^a Reverendíssima Senhor Patriarca das Índias e a V. Ex.^a Senhor Comandante Militar, os nossos agradecimentos e fácil não nos é exprimir a nossa gratidão pela distinta presença de V. Excelências neste acto.

Ao Ex.^{mo} Comandante da Polícia, em nosso nome e de todo o pessoal do Comissariado da Polícia do Norte desejamos agradecer a maneira como acarinhou a nossa iniciativa, não nos faltando nunca com o seu apoio, os seus conselhos e sugestões, sempre inteligentes e oportunas. Ao Ex.^{mo} Comandante devemos, e ingratidão seria não revelar publicamente, o bom termo desta iniciativa.

A V. Excelências, minhas senhoras e meus senhores, os nossos agradecimentos pela vossa distinta presença que tanto nos honra.

Com atraso de poucas horas, faz hoje um ano que um bando de energúmenos ao serviço de um país estrangeiro e chefiados por um cidadão da União Indiana, assaltou o Posto Policial de Betim, alimentando, entre outros, o desejo de dar à sua negra façanha umas pinceladas de glória, que sempre se tem negado, aos que não respeitam o direito e não compreendem a Justiça.

Para a sua decadente e esfarrapada propaganda era necessário que a empresa tivesse êxito. Estudaram em pormenor o maquiavélico plano, rondaram como chacais, durante dias consecutivos, o Posto de Betim e quando se convenceram que nada tinham esquecido, escolheram o dia 25 de Outubro para o assalto.

Porém, com um pormenor não contaram, não contavam com a vontade indómita dum homem que resolvera servir a Pátria, até ao sacrifício da vida e esse esquecimento foi a derrota, foi a derrocada dos seus projectos que os transformou em mais um cruel, repugnante e cobarde assassinato.

Esse homem, este factor esquecido iniciou a luta com manifesta desvantagem física, porque já se encontrava bastante ferido, mas heróico lutou com um, com dois, com três e depois com quatro sicários, deixando que a custo lhe levassem a vida, antes que o desânimo consentisse numa rendição.

Quem era esse homem extraordinário? Um simples cabo de Polícia, que até o dia que Deus o ajudou a oferecer à Pátria o sacrifício da sua vida, era desconhecido dos milhões de portugueses de todo o mundo, e que desde esse dia passou a ser para todos nós mais um que com o próprio sangue escreveu um enérgico NÃO às pretensões ambicionistas e descabidas do senhor Nehru.

Foi mais um que com o sacrifício da sua vida – única riqueza que possuía – desmentiu essa meia dúzia de aventureiros e renegados que, à sombra da cobardia e da impunidade, pretendem falar em nome de goeses, manifestando a sua vontade de se integrarem na babélica e desintegrada União Indiana, onde a perturbação e o caos estão na ordem do dia.

Esses aventureiros que só alimentam paixões vis e interesses mesquinhos, da política fizeram profissão para alcançarem uma posição, que o nascimento e as condições em que se encontram lhes não podem dar, salvo aquelas que quase todos já possuem: cadastro na Polícia, impressões digitais nos boletins por roubos e assaltos à mão armada.

Foi mais um que legou alma a Deus, corpo à terra e vida à Pátria para que Goa, Damão e Diu continuem a ser parcelas de Portugal.

Foi mais um que, como em Dadrá, não tendo junto de si qualquer metropolitano que o instigasse à luta, não hesitou no caminho a seguir.

Foi mais um que com o corpo esfacelado proclamou bem alto a perenidade dos destinos de Portugal. Mais um, enfim, que para lá da sua desapareição física, deixou sobre nós a pairar a grandeza do seu feito heróico, indicando-nos o caminho a seguir quando a nossa vez chegar.

Como já disse, esse herói, esse homem que nos legou o sublime exemplo da sua morte, era um humilde cabo de Polícia.

Na Corporação, somente conhecido pelo número 53; os seus familiares tratavam-no por Chico; e no registo oficial tinha o nome de Francisco Xavier Plácido Soares de Melo e é por ele, para lhe perpetuarmos a sua bendita memória que hoje aqui nos reunimos.

O Comissariado do Norte considera-o um símbolo do cumprimento do dever e de devoção à Pátria, que dele se orgulha, pois, apesar de saber que lhe faltavam por completo possibilidades de resistência, mostrou como os portugueses, os portugueses de todas as latitudes e de todos os tempos, morrem quando superiores interesses da Pátria assim o exigem.

O obelisco que a nossa veneração pelo feito heróico do Cabo Soares de Melo ergueu na parada deste Comissariado, falará aos vindouros incitando-os ao cumprimento do dever.

É, pois, com comoção, com vibração patriótica que todos que aqui trabalham rogam a V. Ex.^a, Senhor Governador Geral, se digne descerrá-lo.

Em seguida S. Ex.^a o Governador Geral descerrou o obelisco, que se achava coberto pela Bandeira Nacional, e dirigindo-se ao pequeno Mauro, colocou no peito do filho a Medalha de Prata de Valor Militar, condecoração póstuma com que foi agraciado o pai, momento verdadeiramente emocionante, vendo-se lágrimas em muitos olhos, lágrimas de ternura provocadas pela presença da jovem viúva, com uma criança ao colo e mais uma ao lado, além do filho, tenras florinhas que mal conhecem a tragédia que os atingiu quando lhes foi roubado o pai querido, ceifado aos 35 anos apenas por uma bala traiçoeira dum sicário da União Indiana.

S. Ex.^a o Governador Geral cumprimenta a desditosa viúva e o pai do Chico, e todos tomam lugares para a Missa *Requiem* rezada por Sua Ex.^a o Patriarca das Índias num altar *ad hoc*, ornamentado sobriamente por freiras – no fundo, uma grande cruz negra, entrelaçada com um raminho de lírios brancos, e a legenda: *Dona ei requiem*; na ara, seis candelabros e um crucifixo precioso, preito dum admirador.

Durante a missa, um coro de meninas, dirigido pelo Rev. Vigário de Colvale, Pe. Pedro Damião Freitas executa um tocante *Dies Irae*. Seguem-se as Absoluções finais dadas pelo Sr. Patriarca paramentado de capa preta e mitra branca.

À Elevação, os corneteiros tocam a "sentido" e as formações apresentam armas.



O obelisco erigido no Comissariado da Policia do Norte á memoria do subchefe Soares de Melo

Terminada a cerimónia, S. Ex.^a o Governador Geral dirige-se a pé à Câmara Municipal, acompanhado da multidão que assim o quis.

Aí se proferiram os seguintes discursos:

Discurso da Sra. Prof.^a D. Juliana Monteiro Cordeiro:

Sr. Governador Geral, Excelência

Sr. Patriarca das Índias Orientais, Excelência Reverendíssima

Minha Senhora

Ex.^{mas} Autoridades

Minhas Senhoras

Meus Senhores,

O Município de Bardês presta hoje uma justa homenagem ao grande herói que, exactamente há um ano, caiu em terra, crivado de balas, em um assalto traiçoeiro por um grupo de terroristas ao Posto Policial de Betim que lhe estava confiado.

Honrar o nome notável dos mortos é dever de todo o cidadão. Por isso, o Município tomou a iniciativa de nos dar a oportunidade de deitarmos mais uma lágrima de dor e admiração sobre a memória do inesquecível Cabo Soares de Melo, enaltecendo o seu feito de armas levado ao sacrifício da própria vida, deixando assim um imorredouro exemplo de coragem e fidelidade à Pátria.

Aproveito o ensejo que se me oferece ao iniciar este meu pequeno discurso, para apresentar a V. Ex.^a, Sr. Governador, os meus respeitos e felicitações pela recondução no honroso cargo que V. Ex.^a com tanta competência e sábia perícia tem vindo desempenhando.

V. Ex.^a depois dos intensos 4 anos de governação nesta terra, ora abalada por constantes sobressaltos criados por ambições desordenadas, bem merecia repouso de corpo e espírito fatigados neste contínuo e esgotante labutar. Mas o Governo Central, reconhecendo em V. Ex.^a extraordinárias qualidades administrativas e superior tino político, quis que V. Ex.^a trabalhasse mais alguns anos para dar paz a esta terra, onde, desde o mais alto cidadão até o mais humilde camponês se convence e sente que V. Ex.^a representa "the right man in the right place".

V. Ex.^a, que se dignou presidir a esta sessão cívica, bem apreciou quanto vale o fogo sagrado que abrasa a alma do mais obscuro soldado da Pátria que por ela morre.

É mais uma prova de que no coração de V. Ex.^a há lugar de honra para todo o feito de valor passado no canto mais recôndito desta terra.

Foi exactamente há um ano. Seriam 19 horas talvez. Uma "troupe" de desordeiros chega a Betim, vinda das bandas de Britona com aparente placidez.

Como se pode disfarçar a peçonha debaixo da veste inofensiva de cidadão!

Os derradeiros raios de sol poente ainda iluminavam a fachada do Posto.

Os assaltantes tomam rapidamente posições estratégicas, antecipadamente estudadas para se fazer o ataque, abrindo fogo contra o pessoal, que à varanda do edifício estava sentado, ferindo, à queima-roupa, os dois guardas que faziam parte da guarnição do posto e inutilizando-os para a defesa do momento.

Soares de Melo fica só no campo. Mas não volta para trás. Atira-se como uma fera aos caçadores. Corre, pressuroso, para o interior para se armar de pistola-metralhadora, a única que poderia fazer frente à situação, porque os inimigos eram muitos. Logo atrás dele corre com ferocidade o Ranadê, chefe da quadrilha, que dispara contra o primeiro com a pistola-metralhadora que trazia. Trava-se uma luta renhida entre os dois, duas ideologias opostas, duas pistolas a disparar à porfia.

A vida nada vale diante do cumprimento do dever! O cabo Soares de Melo dominava a situação e Ranadê está exausto, gravemente ferido. Mas logo em defesa deste surge mais um dos atacantes que dispara contra Soares de Melo alguns tiros de carabina. Este, com o sabre na mão, ainda tenta lutar mais alguns momentos, mas já não pode ter-se em pé. O sangue escaldante jorra-lhe pelos membros, e sente que a vida lhe vai fugindo. Só então o corpo do herói tomba por terra numa poça de sangue. Poderia bradar como Álvaro Vás de Almada, em Alfarrobeira: "Ó corpo, já sinto que não podes mais, e tu, minha alma, já tardas... Fartar rapazes! Vingai vilanagem".

O bando dispersa-se refugiando-se pelos esconderijos oiteirais das proximidades. A polícia, logo que toma conhecimento do caso, corre no encalço dos assaltantes, tendo logo depois catrafilado o cabecilha.

Soares de Melo pouco tempo mais resiste. Assim acabou os seus gloriosos dias o herói cuja memória é honrada hoje com infinita admiração.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte, foi uma verdadeira apoteose, símbolo de quanto o povo se indignara com aquele abominável crime.

Chorava, inconsolavelmente, à beira do caixão a sua viúva, na flor da idade. Os seus três filhinhos ficavam para sempre órfãos do mimo paternal, muito pequeninos para que pudessem compreender o significado lúgubre deste facto.

A Pátria exigiu de si, minha senhora, um sacrifício maior talvez do que o do seu marido. Para ele a luta terminou; a dor já não tem sentido. Pertence à falange dos soldados bem-aventurados que morrem no seu posto de honra, uma glória da Corporação a que pertenceu.

A luta é agora para si, minha senhora. Com o coração compungido de dor, terá de lutar, a educar e encaminhar os seus filhinhos com o carinho de mãe e com a rigidez do pai que lhes falta, invocando a sua memória bendita diante deles como um lema da vida.

Conheci Soares de Melo nos bancos do Liceu. Aluno regular, de aspecto nada agressivo, arcabouço delicado, um destes estudantes que na sua passagem pelo curso secundário não deixam nem luz nem sombra. Quase dezoito anos depois revi-o o ano passado nos seus dois filhos mais velhos que são meus alunos. Nunca julguei que naquela figura esguia e franzina albergasse uma decisão tão grande.

É nos momentos difíceis que se prova o valor de um combatente.

Francisco Soares de Melo no momento da sua morte, que o havia de immortalizar, mostrou a coragem indómita de um gigante, numa luta desigual de um contra mais de meia dúzia, uma decisão, pronta, certamente ditada pelo imperativo da consciência patriótica sempre desperta quando a mais leve ameaça paira sobre o corpo uno e indivisível do Portugal d'aquém e d'além-mar.

Como um verdadeiro soldado, não hesita, mas lança-se na acção!

Podemos acaso supor que a vida sem luta é vida? A vida no entrelaçar de tendências opostas só toma o seu rumo quando a luta o determina.

A luta não é deixar-se amarrar à fatalidade dos acontecimentos, com os braços cruzados.

A luta é agir, a luta é morrer por um ideal!

A Pátria, reconhecida, condecorou-o com a Medalha de Valor Militar.

Portugal não esquece os seus heróis!

A história repete-se.

O homem se reproduz constantemente nas suas grandezas e nas suas misérias.

O nosso homenageado deu um exemplo vivo do dever cumprido com a unção dos grandes heróis que ilustram a história pátria.

- Qual D. Duarte de Almeida, o Decepado, que, na Batalha de Toro, lutou até o último alento agarrando a Bandeira das Quinas com os dentes e os cotos porque mãos já não tinha, contra os castelhanos que lha queriam arrancar, e só cedeu quanto caiu morto!

- Qual Aniceto do Rosário e António Fernandes, na defesa de Dadrá, fazendo frente a centenas de usurpadores num esforço hercúleo de soldados feridos na sua divisa de "Honra e Pátria", Soares de Melo bate-se até morrer pela causa sagrada da inviolabilidade do posto a ele confiado, escrevendo a sangue mais uma página gloriosa da História de Portugal.

Os mortos falam. Neste momento o seu espírito paira, grave, sobre as nossas cabeças, abençoando paternalmente os seus mimosos filhinhos, que aqui estão, e consolando a viúva querida que agora deve misturar as lágrimas de saudade com o orgulho de ser viúva de um homem de valor.

Os mortos falam, dizia eu. Soares de Melo lá da calma sepultura que a Terra-Mãe lhe deu em enternecido carinho, dirá:

Que importa a morte, se vivo para a posteridade como um padrão, para a Pátria como um herói?!

E disse.

Discurso do Sr. Dr. Carlos Eufemiano Pinto:

Sr. Governador-Geral, Excelência

Senhor Patriarca das Índias, Excelência Reverendíssima

Minhas senhoras e meus senhores,

Faz hoje um ano, que o cabo Francisco Xavier Plácido Soares de Melo caiu vítima do mais bárbaro e traiçoeiro ataque presenciado nesta terra.

Faz hoje um ano, e parece ter sido ontem, tal foi a sensação causada pelo brutal ataque, tal foi o frémito de horror e indignação que percorreu o país de lés a lés.

Era uma tarde calma de Outubro. As sombras da noite desciam brandamente sobre a terra, as aves voavam pressurosas para os seus ninhos, sopravam ligeiras as brisas do Mandovi.

Era a hora em que as feras deixam os seus covis à busca da presa que irá saciar a sua fome, e foi essa, a hora escolhida para levar ao cabo o maquiavélico plano, o nefando crime.

Estava de serviço no posto policial de Betim, o cabo Soares de Melo, que depois de um dia de extenuante trabalho, fora sentar-se na varanda do posto para repousar um pouco os músculos fatigados. E a essa hora em que a natureza toda ensaiava os primeiros passos do habitual descanso, o seu pensamento voava talvez para o lar, junto da esposa estremecida, e dos filhos, que crianças ainda agarrados às saias da mãe sentiam amargamente a ausência do pai.

Súbito, duas palavras "Hands up" proferidas em voz áspera, ferem os seus tímpanos. E o cabo Melo vê à sua frente um grupo de seis bandidos apontando-lhe pistolas. Impávido, e como que impelido por uma mola o nosso homem põe-se de pé e puxando da sua pistola dispara conseguindo atingir um dos bandidos. Estes disparam ferindo-o nas coxas. Mas nem por isso o nosso herói se rende, continua a atirar sobre o inimigo ferindo mais um, e esgotadas as munições, corre, voa, à busca da sua carabina que deixara lá dentro, nesse momento não vê que está só e que são seis os assaltantes, nem sente as balas inimigas que penetram fundo na sua carne, não, só sente a afronta feita ao seu brio de soldado, o insulto feito à nação, e segurando a sua arma com mãos sôfregas, qual outro Gonçalo Mendes da Maia, arremete com fúria contra o chefe dos bandidos, descarregando-a teria mesmo dito à maneira do Lidador: pérró maldito, saibas lá no inferno que o soldado português não sabe o que é render-se, não sabe o que é fugir.

O chefe dos bandidos apanhando em cheio a descarga, vacila e cai de borco. O cabo Melo dá ainda alguns passos em perseguição dos restantes que, espantados por tamanha audácia, recuam espavoridamente. Mas já não pode mais, fios de sangue correm as feridas abertas. Num último esforço ainda avança para o inimigo, mas sentindo que as forças o abandonam eleva o seu pensamento até Deus, e cai, beijando pela última vez, a terra do seu berço.

Caiu, para se erguer aureolado de glória. Ainda ontem um soldado obscuro, hoje um herói.

Caiu, mas para entrar no panteon da história, dessa história de heróis e guerreiros, de audazes marinheiros que sulcando mares tenebrosos deram ao mundo novos mundos. De mártires e de santos, que animados pelo fogo da fé e arrostando os maiores perigos levaram a preciosa semente do Evangelho até aos confins da Ásia e da África.

O cabo Melo caiu para figurar na história de Portugal, ao lado do alferes Duarte de Almeida que na célebre batalha de Toro, ainda depois de lhe cortarem as mãos, segura com força entre os dentes a bandeira da sua querida Pátria, para figurar ao lado de Aniceto Rosário e António Fernandes, que pouco antes caíram em Dadrá varados pelas balas inimigas quando defendiam com denodo a integridade da mesma Pátria.

O cabo Melo caiu, para escrever com o seu sangue, uma das mais belas páginas da nossa história. História feita de páginas do mais sublime amor da Pátria, umas escritas em Fêz pelo Infante Santo, quando numa renúncia heróica de todo o bem-estar, a que tinha direito, morre sofrendo com santa resignação, o mais impiedoso martírio. Outras escritas nas muralhas de Diu, quando D. João de Castro por cada pedra da fortaleza se dispõe a arriscar um filho. História de páginas do mais acendrado patriotismo, onde uma mãe não podendo ver por mais tempo a sua querida Pátria sob o jugo estrangeiro, arma ela própria os seus filhos cavaleiros e os incita à luta pela liberdade. História de páginas do mais terno amor do próximo, onde uma Rainha, uma Santa, desce os degraus do trono levando no regaço um braçado de rosas, para com elas perfumar a mansarda triste e sombria do desprotegido da sorte, para se debruçar sobre a enxerga rota e sórdida do moribundo, espalhando a mãos cheias o suavíssimo bálsamo da caridade.

História onde se acha gravada em letras de ouro, a maior epopeia marítima de todos os tempos, onde se vê o ínclito Gama dominando os mares e o Albuquerque o Terrível talhando com a sua espada o vasto império no Oriente. História que é um poema de amor e glória, que não posso ler sem sentir os olhos húmidos de lágrimas, e o orgulho de ser português.

História duma pátria que pequenina no seu berço, talhado há oito séculos pela espada flamejante do grande D. Afonso Henriques, qual semente de mostarda se tornou numa gigantesca árvore, estendendo os seus frondosos ramos por todos os continentes e por todos os mares, e à cuja sombra protectora vivem na mais perfeita paz e harmonia, homens de todas as raças, gente de todas as cores.

[...]

E foi por esta Pátria, engrandecida com o suor de tantos portugueses, regada com o sangue generoso de tantos heróis, que o cabo Soares de Melo morreu, no florir da vida, e quando tudo lhe sorria em volta, levando a viuvez a uma senhora jovem, e à orfandade três filhinhos que mal sabem apreciar a grande perda que sofreram. Foi mais uma vítima da ambição desmedida dos nossos vizinhos, que na sua ânsia de quererem integrar à viva força este precioso cantinho de Portugal, lançaram sobre nós bandos de facínoras que, pela calada da noute semeiam aqui e acolá, o luto e a dor.

O cabo Melo caiu, para nos dar uma lição magnífica do mais alto amor da pátria, para nos ensinar que uma pátria como a nossa, herdeira de tão gloriosas tradições, bem merece o sacrifício dos seus filhos, sacrifício que deverá ir até à própria morte, se tanto for necessário.

E, para provar ao mundo que os portugueses, movidos por uma fé inabalável nos destinos da sua pátria, e crença firme na eternidade, não se curvam diante de ameaças, sejam de quem for, nem mesmo diante da própria morte, e que esta terra é portuguesa, portuguesas continuará a sê-lo até cair o último dos seus filhos.

Glória, pois, ao herói, Francisco Xavier Plácido Soares de Melo.

Glória a Portugal. Glória à Polícia do Estado da Índia.

Discurso do Sr. Comandante da Polícia, Capitão Pinto Brás:

Senhor Governador Geral do Estado da Índia, Excelência
Senhor Patriarca das Índias Orientais, Excelência Reverendíssima
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Bardês
Ex.^{mas} autoridades civis e militares
Minhas Senhoras e meus Senhores,

As minhas primeiras palavras serão, necessariamente, de agradecimento e de louvor à Ex.^{ma} Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Bardês.

A sua magnífica atitude, ao associar-se às comemorações do 1.º aniversário da morte heróica do cabo Melo, é daquelas que calam profundamente no coração de todos nós.

É que, para além do gesto, projecta-se nas almas o seu profundo significado:

A Câmara Municipal de Bardês quis dar-nos as mãos; quis ombrear connosco no preito de homenagem que hoje prestamos; quis, como nós, inclinar a cabeça perante a memória desse valente camarada, tombado heroicamente no campo da honra!

Bem haja!

Todos aqueles a cuja guarda, em qualquer parte do território, está confiada a tranquilidade das populações, não podem, na verdade, deixar de sensibilizar-se, ao verificar que também eles, caso a Divina Providência lhes dê a honra de vir a morrer ao serviço da Pátria, terão o seu feito devidamente apreciado não só pelos camaradas e companheiros de luta, mas também – e principalmente – por essas mesmas populações, generosas e compreensivas, por cujo sossego e tranquilidade lutaram!

As adesões dos proprietários de automóveis e camionetas;

As manifestações de culto nas Igrejas, Devalaias e Mesquitas, consagradas à memória do cabo Melo, são a prova cabal do que afirmo.

As brilhantes palavras ouvidas aos ilustres oradores que me antecederam, constituem, por assim dizer, o traço de ouro com que a Câmara de Bardês entendeu dever sublinhar a iniciativa da Polícia.

Estão, pois, de parabéns os habitantes de Bardês. O público testemunho da sua admiração pelo nobre e patriótico exemplo de Francisco Soares de Melo, é como que o reflexo da nobreza de alma, do são patriotismo dos Bardesanos.

Paira sobre eles, paira sobre todos nós a sombra gigante do Herói de Betim.

E a sua figura impõe-nos tanto maior respeito, quanto mais relembramos as circunstâncias em que decorreu o traiçoeiro ataque.

Ferido gravemente, continuou a lutar para além do limite das suas próprias forças. E a verdade é que o cabo Melo não teria deixado de cumprir o seu dever mesmo que, já ferido, tivesse abandonado a luta.

Talvez que a vida lhe não fugisse; mas o que fugiria, decerto, era a oportunidade de legar a seus filhos um nome nimbado pela auréola dos Heróis!

E assim, cioso da sua condição de Português de Lei; consciente, até aos últimos momentos, da missão que lhe estava confiada, cerrou os dentes, dominou a dor física, e não deu tréguas!

Mercê do seu heróico sacrifício foi por fim dominado o famoso facínora indiano Ranadê, que hoje aguarda, na prisão, o justo castigo para os seus crimes.

O Governo da Nação não esqueceu o sacrifício do cabo Melo. E assim, coerente com os princípios que sempre nortearam a sua política, resolveu galardoar o herói com a Medalha de Valor Militar e promovê-lo, a título póstumo, ao Posto imediato.

Honra, pois, ao Governo Central, para quem vai a gratidão de todos nós; e honra ao Subchefe Soares de Melo, para quem vai o preito da nossa mais sentida homenagem.

Vai para 4 anos que atravessei a União Indiana.

Ali permaneci alguns dias; e, se bem que os conceitos formados no meu espírito sejam a resultante de uma observação passageira, posso lá acreditar que os goeses inteligentes, sensatos e homens de bem, queiram trocar o bem-estar de que hoje gozam, pelo caos e pela miséria do país vizinho?

Posso lá conceber que haja habitantes da Índia Portuguesa que não saibam distinguir entre o Bem e o Mal, entre o Justo e o Injusto, entre a Ordem e a Desordem.

Aqui, a protecção às mais simples e variadas actividades, no Comércio ou na Indústria; na União Indiana, perseguições, favoritismos e controle absoluto dos lucros, por parte do Estado.

Aqui, liberdade de cultos: cristãos, muçulmanos ou hindus mantêm as melhores relações pessoais e desenvolvem os seus credos num ambiente de mútuo respeito; para além dos Gates – rivalidades sempre acesas e permanentes atritos e perseguições.

Aqui, os mesmos direitos conferidos a todo o cidadão português, quer seja de Goa, de Timor ou do Minho: a qualquer é permitido o desempenho das mais altas funções na administração, na magistratura, na medicina, nas forças armadas ou até no Governo da Nação; na União Indiana, o entrave secular das castas e dos credos, limitando aos "eleitos" o privilégio de dirigir !...

Estou certo que a meia dúzia de renegados que se apresentam como "leaders" de uma pseudo-libertação, que só eles pretendem – cegos pela cobiça de virem a ser governantes, sem que para tal tenham estofo ou competência –, já terão pensado muitas vezes no erro crasso que cometeram perante o Mundo.

Caminham, todavia, num plano inclinado que os há-de levar ao abismo.

De qualquer modo, e sejam quais forem as contingências por que tenhamos de passar, uma coisa vos posso garantir, em nome da Corporação que muito me orgulho de comandar:

Já registámos, no Livro de Ouro da nossa respeitosa saudade, os nomes de alguns heróis como Aniceto do Rosário, António Fernandes e Soares de Melo; e estamos dispostos, se tanto for necessário, a inscrever os nossos nomes ao lado desses valentes, para que continue bem nosso, este rincão onde viveu S. Francisco Xavier; para que não seja usurpado este pedaço da Terra Portuguesa, parte inalienável de Uma Pátria,

*- "a mais formosa e linda
que ondas do mar e a luz do luar
viram ainda !... "*

Disse.

